

# A PESQUISA HISTÓRICA DAS MULHERES COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE HISTÓRIA

## HISTORICAL RESEARCH OF WOMEN AS A METHODOLOGY FOR TEACHING HISTORY

Luiz Carlos Rodrigues da Silva <sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo busca refletir e problematizar a pesquisa histórica das mulheres como metodologia viável para a construção do conhecimento histórico. A entrevista de História Oral realizada com a Sra, Joana serviu de suporte para a problematização dessa estratégia de ensino. A entrevista foi utilizada para a articulação com a questão feminina. Apresentamos o processo de transformações ocorrido na História, nas dimensões acadêmica e escolar, e a necessidade da reaproximação entre esses dois campos. Tomando como fundamentação teórica alguns historiadores do campo de estudo do Ensino de História, como Jörn Rüsen (2010), Maria Auxiliadora Schmidt (2011), Flávia Caimi (2008), que discutem em suas pesquisas a análise e a intervenção na conjuntura hodierna da História em sua relação com as carências de orientação no tempo dos sujeitos históricos na vida prática. O artigo também discute conceitos importantes, como Didática da História, Identidade Feminina, interseccionalidade e aprendizagem histórica para a compreensão da pesquisa sobre a História das Mulheres.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Aprendizagem histórica. Didática da História. Identidade. Mulher.

**Abstract:** The article seeks to reflect and discuss the historical research of women as a viable methodology for the construction of historical knowledge. The Oral History interview conducted with Joana served to support the problematization of this teaching strategy. The interview was used to articulate the female issue. We present the transformation process that took place in history, in the academic and school dimensions, and the need for rapprochement between these two fields. Taking as a theoretical basis some historians from the fields of study of History Teaching, such as Jörn Rüsen (2010), Maria Auxiliadora Schmidt (2011), Flávia Caimi (2008), who discuss in their research the analysis and intervention in the current conjuncture of History in its relation to the lack of orientation in time of historical subjects in practical life. The article also discusses important concepts, such as Didactics of History, Identity and historical learning for understanding research on the History of Women.

**Keywords:** Teaching History. Historical learning. Didactics of History. Identity. Woman.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela UEMA. Mestre em Ensino de História pela UFT. Mestre em Educação pela UPAP. Doutorando em Educação pela UAA. Professor de História da Rede Estadual (SEDUC/MA) em Barra do Corda-MA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7552705836859811>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4757>. E-mail: [solracro9@gmail.com](mailto:solracro9@gmail.com)

## Introdução

A História, enquanto ciência que se destina ao estudo dos seres humanos em suas diferentes perícopes de manifestações através do tempo e espaços, tem no desenvolvimento da cidadania crítica a sua função social por excelência. Dessa forma, é uma ciência fundamentalmente social e o conhecimento oriundo dessa dimensão deve estar focado em oportunizar uma orientação temporal consciente aos indivíduos em sua vida prática (RÜSEN, 2010).

Ora, considerando essa concepção, que a História se sustenta do dinamismo social, fica evidente que o resultado da sua produção, o conhecimento histórico, diferentemente de cristalizar lugares sociais e saberes acríticos, deve propiciar aos sujeitos no cotidiano um contorno de leitura de mundo, estimulando reflexões e posicionamentos (KNAUSS, 2004). O ensino de História e o conhecimento histórico só conseguirão exercer, de fato, um papel de transformação social quando houver a devida compreensão de que ele se destina à formação do cidadão pensante, com valores humanitários e não um mero reproduzidor de modelos.

Para que se efetive isto, é imprescindível que se problematize o distanciamento existente entre a ciência histórica e a didática da História – conceito este que transcende a própria concepção pedagógica. Sustenta-se aqui que o diálogo entre a academia (e as ideias surgidas nesse espaço) e os demais níveis da escolarização deveria ser mais frequente e acessível. A estética específica (BLOCH, 2001) da linguagem da Ciência História poderia – sem prejuízo de seu valor e caráter científico – ser menos “parnasiana” e seria ideal haver uma relação mais efetiva entre esses dois campos, afinal de contas, ambos compõem a mesma área de conhecimento.

Esse hiato entre academia e escola ocorreu no primeiro quartel do século XIX, momento em que a História é sistematizada e recebe o status quo de ciência, permitindo a possibilidade de ser indiferente às novas abordagens ou objetos do conhecimento histórico, bem como ao relevante papel que as diversas instâncias sociais – a família, a mídia, a igreja, dentre outras – têm como produtoras de conhecimento histórico.

Assim, os estudos sobre a temática da história das mulheres, enquanto categoria de estudo, foi postergada por muito tempo, particularmente pela História, que privilegiou a categoria homem e branco, na condição de sujeito histórico. Mesmo em tempos hodiernos, as pesquisas e estudos no âmbito da abordagem interseccional, como apresenta a pesquisadora e intelectual negra Carla Akhotirene (2018), são tímidos e encontram uma forte resistência.

As mulheres brasileiras do ponto de vista social foram oprimidas, tiveram suas vivências e experiências literalmente excluídas no âmbito histórico, onde foram ignoradas no que diz respeito ao protagonismo. Contudo, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, os estudos e pesquisas sobre as mulheres têm apresentado novas temáticas e novos debates em todo o território brasileiro, inclusive extrapolando o caráter acadêmico e indo ao encontro da criação de canais para a proliferação de um conhecimento empoderado sobre as mulheres.

A histórias das mulheres é uma importante categoria de estudo para o processo formativo de qualquer sujeito histórico. Ademais, as mulheres, especialmente aquelas que foram invisibilizadas pelas narrativas masculinas hegemônicas, podem ser inclusas nos debates e servir como uma preciosa fonte histórica para a análise de historiadores, no sentido de compreender a sociedade patriarcal e eurocêntrica que as inviabilizaram ao longo da História.

Assim, buscando fundamentos nos pressupostos teóricos da didática da História, temos como objetivo discutir e problematizar a utilização da pesquisa histórica sobre a história das mulheres como estratégia viável na construção do conhecimento histórico. O conteúdo de suporte será a entrevista semiestruturada com a interlocutora Joana que, para preservar a identidade da participante utilizaremos nome fictício, realizada no dia 05 de janeiro de 2021, na cidade de Barra do Corda-MA.

Para a fundamentação teórica do artigo discussão e problematização utilizaremos os seguintes historiadores dos campos de estudo do Ensino de História: Jörn Rüsen, Maria Auxiliadora Schmidt, Luís Cerri e Rafael Saddi. Eles têm como foco em suas pesquisas a análise e a intervenção na conjuntura atual da História em sua relação com as carências de orientação no tempo dos sujeitos históricos na vida prática.

## O conhecimento histórico na vida prática dos indivíduos

Hodiernamente ainda é perceptível o pensamento de que a História é dividida em científica-acadêmica de um lado, e componente curricular no âmbito escolar do outro. A primeira se insere na dimensão das universidades com seus historiadores profissionais que se dedicam a realizar pesquisas e produzir conhecimento histórico de caráter acadêmico, especializado e erudito. A segunda está presente nas unidades escolares de Educação Básica exercida por docentes de História portadores da missão de transmitir os conhecimentos históricos da ciência de referência para os estudantes. Ademais, a dimensão científica focaria seus propósitos nas questões que dizem respeito à metodologia da pesquisa, pesquisa em História, enquanto a História escolar seria uma difusora exclusiva da metodologia de ensino e desenvolver suas ações no espaço que lhe é peculiar, qual seja a sala de aula, e a relação identificada entre ambas seria a “transposição didática” (CHEVALLARD, 1991, p. 39) do conhecimento histórico produzido pela Universidade para as escolas nos seus diversos níveis de escolarização.

O conhecimento histórico elaborado pela Universidade e pela escola na Educação Básica apresenta distinção. As peculiaridades desses campos desdobram-se por questões políticas, culturais e institucionais. Contudo, por mais que essa assertiva seja verossímil, o distanciamento entre ambos não se justifica, devendo haver um diálogo mais frequente que seja capaz de promover, apesar das polêmicas e contradições, mas que, de toda maneira, a apropriação dos aspectos úteis e acessíveis a essa interface deveria ser comum.

É imprescindível salientar que as diferenças entre a Ciência História e o ensino de História não pressupõe a ideia de superioridade de um sobre outro. Assim, “tal entendimento não significa decretar a dependência da história escolar em relação ao conhecimento acadêmico, tampouco tomá-la como um saber inferior na hierarquia de conhecimentos, mera vulgarização didática de um corpo de saberes produzido pelos ‘cientistas’.” (CAIMI, 2008, p. 130).

Dessa forma, as metodologias, as teorias, os modelos explicativos e as práticas de trabalho específicas de cada campo podem e devem estar sintonizadas para a produção do conhecimento histórico, lançando questionamentos sobre a experiência humana, estimulando reflexões e posicionamentos. Nessa períclope e considerando a seara do ensino de História, acreditamos que o principal desafio nos tempos hodiernos seja desenvolver conteúdos, competências gerais para esse campo e metodologias de ensino que conduzam o estudante perceber-se como sujeito histórico atuante para que a História passe a ter sentido prático e seja capaz de formar um cidadão pensante e transformador da realidade social.

Essa intencionalidade e diante de um novo cenário desafiador é que surgem novas “demandas provenientes dos insucessos escolares no que diz respeito às aprendizagens históricas significativas para a construção da consciência histórica” (SCHMIDT, 2009, p. 204) e, assim, percebe-se a emergência da reaproximação entre a Ciência História e a didática da História.

Neste artigo entendemos Didática da História como “o modo como as representações sobre o passado produzem compreensões do presente e projeções de futuro. Isto é, a Didática da História lida com a orientação temporal inerentemente produzida pela História” (SADDI, 2010, p. 75). Nesse sentido, a concepção equivocada de que esse conceito destina-se meramente aos problemas que dizem respeito à educação escolar é descartada nesse artigo. Nesse caminho, Jörn Rüsen (2006) afirma que:

as perspectivas da história foram grandemente expandidas, indo além de considerar apenas os problemas de ensino e aprendizado na escola. A didática da história analisa agora todas as formas do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos [...] (RÜSEN, 2006:12).

Para que se efetive isto, é que fazemos a proposta da utilização de alguns dos métodos da pesquisa histórica – neste caso, mais especificamente, estamos nos referindo da pesquisa histórica da história das mulheres através da metodologia da História Oral – como estratégia de ensino de História na Educação Básica. Reiteramos que ao realizar tal proposta não reivindicamos o ineditismo desta temática, bem como não temos a intenção de esgotá-la, mas contribuir com o desenvolvimento e aperfeiçoamento de possibilidades viáveis no ensino de História.

Trata-se da circularidade de novas abordagens ou objetos do conhecimento histórico para promover a participação efetiva do estudante na construção do conhecimento histórico escolar (CAIMI, 2008), utilizando-se de métodos específicos do trabalho do historiador. Dessa forma, pretende-se que “o aluno possa entender que a apropriação do conhecimento é uma atividade em que se retorna ao próprio processo de elaboração do conhecimento” (SCHMIDT, 1998, p. 59).

No objeto específico desta pesquisa e considerando as dinâmicas específicas da História enquanto componente curricular e da História acadêmica, salientamos que não estamos aqui propondo uma estratégia de ensino que tenha como escopo a formação de historiadores mirins na Educação Básica. O que desejamos é possibilitar uma maneira dinâmica de ensinar História na qual o conhecimento histórico proporcional à sua complexidade, e produzido durante as aulas possa fazer a diferença no modo em que o sujeito compreende e atua na sociedade, tornando-se de fato em um cidadão crítico e participativo.

Para materializar a tessitura desse trabalho, realizamos uma entrevista semiestruturada e simplificada com a senhora Joana na data de 05 de janeiro de 2021, na cidade de Barra do Corda-MA com o objetivo de avaliar as possibilidades que a pesquisa da história de vida das mulheres pode contribuir no processo de aprendizagem histórica dos estudantes pesquisadores. Ademais, “vale lembrar que os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes” (RÜSEN, 2010, pág. 91). Ora, considerando essa nuance, evidentemente o processo de ensino e aprendizagem histórica é o caminho ideal para aquilo que o autor estabelece como pressuposto essencial na condução do aprendizado histórico para um público amplo e heterogêneo.

## **A pesquisa de campo: memória e trajetória de vida da Sra. Joana**

Entrevistamos Dona Joana que habita na cidade de Barra do Corda-MA. Nossa entrevistada tem idade superior aos setenta anos e é natural do povoado Centro dos Ramos, pertencente à cidade de Barra do Corda, estado do Maranhão, que dista 444,3 km da capital São Luís. Atualmente encontra-se aposentada, mas trabalhou incansavelmente e duramente para o sustento da sua prole, quatro filhos (as), como educação e cuidados médicos, frutos de seu único casamento com o Sr. Antônio (nome fictício). Em 05 de janeiro de 2021 ela nos narrou um pouco de sua trajetória de vida, cotidiano, sonhos e perspectivas para o futuro através de uma entrevista semiestruturada, com o escopo de refletir sobre seus discursos a partir do lugar de fala (RIBEIRO, 2017) e a partir do território em que habita.

Utilizaremos para a realização dessa entrevista algumas das técnicas da metodologia da História Oral, que, na perspectiva de Alberti (1998) é conceituada como:

um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1998, p. 52).

O método de História Oral é um instrumento que possibilita trazer à tona o protagonismo dos sujeitos pesquisados, pois nos oferece a possibilidade de ter acesso às suas narrativas, práticas culturais e saberes. Proporciona também uma minuciosa atenção à história de vida dos indivíduos

em sua dimensão subjetiva e é um elemento fundamental na coleta de dados, na capacidade de perceber a realidade dos acontecimentos que foram oralizados.

Nossa entrevistada por intermediação da memória, traz os fatos e acontecimentos que marcaram sua trajetória de vida e, assim, a memória será um dos caminhos percorridos para se analisar e registrar as narrativas da nossa interlocutora. Dessa forma, a memória não pode ser compreendida como uma simples espécie de depósito de informações, como assertiva Portelli (2016, p. 18).

A História Oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado.

Dessa forma, memória e História Oral possibilitam nosso entendimento sobre como a nossa entrevistada percebe a sua trajetória de vida. Nesse caminho, iniciamos a entrevista com um roteiro composto por cinco questões, com enfoque metodológico qualitativo. No primeiro questionamento, solicitamos a Sra. Joana que fizesse a sua identificação e nos apresentasse o lugar em que habita atualmente. Essas informações iniciais já foram narradas acima. Contudo, além dessa apresentação preliminar, a interlocutora ficou a vontade para acrescentar novas informações sobre o contexto hodierno de sua vida:

*A minha luta diária atualmente não é das melhores [...] ando muito adoentada e debilitada fisicamente; não trabalho com a mesma intensidade de antes, mas mesmo limitada pela enfermidade nunca deixei de fazer as coisas ( pausa). Lamento muito não poder mais fazer as coisas que eu gosto: deixar o quintal bem limpinho, ir no rio lavar roupa, Coisa que fazia todo dia.. Agora tô lavando roupa aqui na minha lavandeirinhazinha ( risos). Mas não é a mesma coisa, né?*

Joana faz uma explanação de uma série de sofrimentos decorrentes de uma saúde debilitada e duradoura, fazendo com sinta saudade do tempo em que podia trabalhar normalmente. Também podemos observar, ao longo do seu relato, de como a realização dos afazeres domésticos foi algo importante ao longo da trajetória de vida da interlocutora, pois mesmo devido à idade avançada e pela enfermidade, essa preocupação é visível em sua narrativa.

O segundo e terceiro questionamentos foram elaboradas com o objetivo de identificar os acontecimentos mais relevantes e as diversas formas de sobrevivência, respectivamente, na trajetória de vida da Sra. Joana, que, de forma sucinta obtivemos o seguinte:

*Quando vim para Barra do Corda era bastante nova, trabalhava e tinha coragem para enfrentar tudo (risos). Depois que eu cheguei em Barra do Corda conheci o meu marido e tive quatro filhos e passei a viver uma barra pesada, mas como era nova e tinha saúde né? lutava sem medo ( risos). O trabalho que o meu marido tinha, não ajudava muito em casa. Eu e os meus filhos mais velhos é que sabemos o que passamos. A minha luta foi pesada mesmo. Fazia muita coisa para poder sustentar a família. De costurar e fazer salgadinhos, aí botava para vender. Agora não posso mais trabalhar, tô vivendo só da minha aposentadoria. Eu nasci em um povoado chamado Centro dos Ramos, interior daqui mesmo. Lá vivi a minha infância. Não tive como estudar. Era tudo muito difícil. [...]. Hoje está muito*

*fácil. Lá aprendi apenas o alfabeto e ler algumas palavras. Depois que vim para Barra do Corda estudei mais, viu? (risos). Inclusive cheguei a cursar até a oitava série.*

Pelo que consta em sua narrativa, fica relevante a preocupação constante com as atividades remuneradas para poder sustentar a família. Em diversos momentos Joana fala sobre as diversas tarefas laborais que realizava, tanto das atividades agrícolas no povoado Centro dos Ramos até atividades de costura e venda de salgadinhos em Barra do Corda-MA. Também narrou sobre o relacionamento familiar, estudos, saúde e afazeres domésticos.

Assim, foi possível perceber que a vida da nossa interlocutora desde tenra idade foi impregnada de responsabilidades, fato que contribuiu para moldar sua personalidade. Cuidou praticamente sozinha da criação e educação de seus quatro filhos – o esposo era excessivamente ausente por causa do trabalho que exercia, utilizando-se das atividades informais para sustentar sua família. Devido a este excesso de responsabilidades domésticas e laborais, teve que sacrificar uma parte importante da sua vida: os estudos. Mesmo assim, ela batalhou para realizar o seu desejo de estudar, concluindo em 2004, através da modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos, o Ensino Fundamental.

A partir da narração da trajetória de vida, impregnada de dinamismo e intensidade, de uma mulher oriunda de um pequeno povoado de uma cidade do interior do Maranhão, na região Nordeste do Brasil, pertencente a uma família desprovida de cabedal financeiro, bem como sem a necessária e imprescindível ação do Estado. Uma mulher que no decorrer de sua construção social foi desterritorializada e reterritorializada em sua jornada de mãe e trabalhadora informal, nos pomos a refletir sobre sua identidade e como se processou a relação com os territórios em que residiu.

Nesta perspectiva, compreendemos identidade através do pensamento de Stuart Hall (2000, p. 108) quando afirma que:

As identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Nesta períclope, acreditamos que buscar uma forma de definir a identidade da Sra. Joana seria um gravíssimo equívoco teórico, bem como uma ilusão imoral. Diferentemente, o nosso objetivo em debater e problematizar o conceito de identidade relacionado ao caso de nossa interlocutora é assimilar o processo de territorialização ocorrido em sua trajetória de vida por meio das relações sociais e da forma como ela lidou com os territórios pelos quais passou em uma perspectiva de mudança. Para Saquet (2008), territorialidade é o resultado das relações sociais e a qualidade que o ser humano dá ao território de acordo com a sua utilização, estando relacionada com a questão da identidade. Nesse caso, o conceito de território nos ajuda a compreender que ele é um lugar de encontros, gerador de construção social e humana, de enfrentamento, de sujeitos humanos com em busca de identidade. Dessa forma, a identidade possui um caráter político que possibilita uma transformação social.

Ao ser inquirida, na quarta questão, sobre como tem sido a sua vivência cotidiana atualmente, a nossa narradora respondeu com elementos que já foram identificadas nas demais perguntas: a saúde se encontra debilitada, que compromete sua mobilidade para realizar as atividades rotineiras, como limpar a casa, fazer o almoço, uma caminhada, ir à igreja ou visitar um parente com certa frequência.

O último questionamento da entrevista teve como meta saber quais os sonhos e perspectivas de vida da interlocutora neste momento difícil que atravessamos, de negação de direitos aos mais

necessitados, que, bastante atenta e reflexiva nos respondeu:

*O meu maior sonho era (pausa longa) deixa pra lá. O importante é que ainda tô viva. Sabe, vou falar (risos). O meu sonho é dar uma melhorada na minha casa, deixar ela um pouco mais bonita (riso) né? Também gostaria muito de poder ajudar financeiramente um dos meus filhos (pausa). Sofro muito por não poder fazer isso. Sabe, tenho enfrentado muitas situações complicadas na minha vida, que prefiro não falar, né? Hoje o meu maior sonho é sobreviver a esta tal de Covid-19.*

Pelo que consta em seu discurso, é perceptível mais uma vez a intensa preocupação com questões e problemas que dizem respeito à família. Isso se explica pelo fato de que a nossa interlocutora narrou sua trajetória de vida até o presente momento dando ênfase às responsabilidades familiares, até mesmo os seus sonhos e perspectivas são apontadas para esse caminho. Ao falar novamente dos seus sonhos, nesse caminho, gostaria de ter saúde para poder trabalhar outra vez e, assim, além de ajeitar a casa ajudar financeiramente um dos filhos.

## **Aprendizagem histórica para a vida cotidiana**

Acreditamos que a valorização de temas que fazem parte do cotidiano dos estudantes está atrelada a uma necessidade que urge na aplicação de metodologias inovadoras de ensino, buscando estabelecer uma relação horizontal entre docente e discente no complexo processo de construção do conhecimento histórico. A partir desses pressupostos, o que entendemos por aula muda consideravelmente e, quando se propõe estabelecer um diálogo entre os conteúdos históricos com a vida dos indivíduos, inúmeras estratégias e metodologias de ensino de História alternativas podem ser perfeitamente implementadas.

Levando-se em consideração que o conhecimento histórico está presente em diversos lugares, como mencionamos anteriormente, articular a pesquisa histórica das mulheres com o ensino de História torna-se em uma estratégia metodológica amplamente viável para o desenvolvimento da aprendizagem histórica dos estudantes.

O método da História Oral é um dos instrumentos que oferece vários benefícios cognitivos para a realização de uma pesquisa histórica. Entre eles, gostaríamos de discutir a relação da narrativa de trajetória vida da entrevistada com temáticas mais holísticas do contexto social. No nosso caso, a entrevista realizada com a Sra. Joana pode-se relacionar a sua trajetória de vida, que é fundamentalmente assinalada pelas responsabilidades de âmbito familiar e doméstico, com as questões sociais, históricas e culturais envolvendo o gênero feminino.

A História Oral oferecerá condições para que possamos compreender o lugar ocupado por essas mulheres por meio das suas narrativas, das suas culturas, dos seus saberes, das suas práticas culturais, entre tantas possibilidades para resgatar o protagonismo dos sujeitos pesquisados. Isso fica evidente no que afirmam Alberti, Fernandes e Ferreira (2000, p. 33):

*A força da História Oral, todos sabemos é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da História Oral, Nuno Revelli, os 'derrotados'. Que a ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história.*

Ao longo da história da humanidade as mulheres têm sofrido inúmeras formas de discriminações, segregações, invisibilidades, violências, estereótipos e imposições sociais que as excluíram dos espaços de poder, tanto do poder simbólico ou real, fazendo-as enfrentar todas as

espécies de preconceito social, racial e de gênero. Dessa forma, não é fácil ser mulher, ainda mais dentro da sociedade preconceituosa brasileira, nordestina e barra-cordense, com raízes fincadas no patriarcalismo convencional e no machismo.

Sabe-se também que essa história é assinalada por resistências e por luta contínua para conquistar direitos, empoderamento e uma militância atuante com propostas relevantes para a causa feminina. Elas precisam ser incluídas e respeitadas nos debates e pesquisas no âmbito da Universidade, espaço que não foi pensado para as mulheres, por isso sempre direciona seu olhar para as narrativas masculinas, geralmente reforçando e reproduzindo as desigualdades sociais, que “os efeitos do racismo e do sexismo são tão brutais que acabam por impulsionar reações capazes de recobrir todas as perdas já postas na relação de dominação”(CARNEIRO, 2003, p. 8) em contexto marcadamente patriarcal.

Mesmo quando se analisa os estudos sobre a história das mulheres no mundo e no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, fica visível que independentemente da raça, da cor e/ou etnia, elas foram preteridas em detrimento da história dos homens. Nesse aspecto, dentre as ciências humanas, a História foi a que mais postergou estes estudos. Ao problematizar os estudos sobre a História das Mulheres a partir da década de 1980 no Brasil, Soihet e Pedro (2007, p. 284) afirmam que:

[...] nas ciências humanas, a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de ‘mulher’ ou de ‘mulheres’ como categoria de análise na pesquisa histórica. A trajetória, costumeiramente ‘cautelosa’, dessa disciplina, e o domínio do campo por determinadas perspectivas de abordagem, retardam significativamente o avanço das discussões. Grande parte desse retardo se deveu ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria ‘homem’. Acreditava-se que, ao falar dos homens, as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas, o que não corresponde à realidade [...].

Dessa forma, a partir da narrativa da Sra. Joana é possível fazer a articulação das suas vivências e experiências com os aspectos sociais mais amplos em relação às mulheres. Portanto, neste sentido, a pesquisa histórica das mulheres pode fomentar, além da construção e reconstrução das suas identidades, o despertar de um posicionamento crítico por parte do estudante quando este passa a relacionar, em sua análise das informações, com outros elementos sociais presentes no tempo e no espaço.

## Considerações Finais

Propor e refletir sobre a questão da necessidade de uma reaproximação mais intensa entre a Ciência História e a enquanto componente disciplinar, com propósitos de atender as demandas sociais e das carências de orientação no tempo, não temos como intenção induzir o entendimento de que a produção do conhecimento histórico nessas instâncias se processe da mesma forma. Pelo contrário, reconhecemos que existem especificidades do conhecimento histórico produzido no âmbito acadêmico (e as ideias surgidas nesse espaço), nas unidades de ensino da Educação Básica (com seus documentos normatizadores) e nos incontáveis lugares e ambientes da sociedade. Em cada um desses campos, a produção e/ou reelaboração do conhecimento histórico, possibilita a realização de operações mentais, sociais e culturais do qual é imprescindível uma investigação mais apurada para a identificação de suas especificidades e, concomitantemente, da conexão e das potencialidades existentes entre eles.

Dessa forma, para que esta realidade se torne de fato efetiva, sustenta-se neste trabalho a necessidade de um diálogo permanente entre a academia e os demais níveis da escolarização. Espera-se que o impacto esperado e essa interface com a educação sejam consolidados através



do Ensino de História, entendendo que o professor, mesmo para além do ambiente acadêmico, necessita ser um pesquisador, difusor do conhecimento e lançar mão de novas formas de desenvolver suas ações na sala de aula.

Em consonância com a perspectiva sobre as condições mais subjetivas relacionadas à pesquisa sobre a História das Mulheres, enfoques deste trabalho, cabe lembrar que, holisticamente, há questões complexas e delicadas que justificam de que a História das Mulheres passe a ter um lugar mais amplo nos debates acadêmicos, particularmente os que aliam a produção do conhecimento às futuras práticas nas salas de aula da Educação Básica.

Assim, os historiadores do campo de investigação do Ensino de História têm-se debruçado sobre pesquisas nessa área e, a partir da utilização de conceitos como didática da História e aprendizagem histórica, esperam provocar questionamentos, novas escritas, novas narrativas para esses temas, haja visto que é necessário trazer à pauta questões sobre a História das Mulheres, como no caso da nossa interlocutora, a Sra. Joana. O lugar de fala das mesmas deve ser apresentado para dar visibilidade às suas demandas e serem valorizadas.

Esperamos contribuir eficazmente para que esse debate proporcione cada vez mais visibilidade para as mulheres, fortalecendo os debates envolvendo as questões de raça e gênero na sociedade. É importante salientar que o diálogo entre História Oral e memória são métodos com enorme potencial para trazerem à tona a cotidianidade das mulheres e como elas constroem seus discursos de resistência nos diversos ambientes da sociedade, bem como das suas representatividades identitárias.

Assim, a partir das experiências e das vivências narradas pela Sra. Joana, na sua trajetória de vida, podemos identificar como forma de resistência e desvela a memória de muitas outras mulheres. Portanto, independentemente das estratégias metodológicas que possam surgir, como a pesquisa da História das Mulheres, devemos ter sempre como escopo principal é o atendimento das funções sociais da História que, basicamente, é proporcionar uma consciente orientação temporal aos indivíduos a partir de uma aprendizagem histórica significativa.

## Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

ALBERTI, Verena. FERNANDES, Tânia Maria; FERREIRA, Maneta de Moraes (Orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI** [on line]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204 p. Disponível em: <https://books.scielo.org>. Acesso em 12 jan. 2021.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interceccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BLOCH, Marc Leopold. **A Apologia da História, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 129-150, dez. 2008.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento**. Estudos avançados. Vol. 17, n. 49. São Paulo, 2003.

CHEVALLARD, Y. **La Transposition Didactique**. Du Savoir Savant au Savoir Ensigné. Grenoble, La Pensée Sauvage, 1991.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.)

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa: IN: NIKITIUK, Sônia L. (Orgs.). **Repensando o Ensino de História**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NEPOMUCENO, Bebel. **Mulheres Negras: protagonismo ignorado**. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PERROT, Michele. O corpo. In: PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. São Paulo, Ed. Contexto, 2007, pp. 41-81.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como Arte da Escuta**. São Paulo: Ed. Letra e Voz, 2016.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUSEN, Jorn. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico** / Jorn Rusen; tradução de Estevão de Rezende Martins. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª reimpressão, 2010.

SADDI, Rafael. Didática da História como sub-disciplina da Ciência Histórica. **História & Ensino**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma Abordagem Territorial. In.: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (organizadores) **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008, pp. 73-94.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jorn Rusen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). Jovens brasileiros, consciência histórica e vida prática. **Revista História Hoje**, v. 5, nº 9, p. 31-48 – 2016.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2007, vol.27, n. 54, p. 284. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SO102-01882007000200015>. Acesso em: 13 jan. 2021.

Recebido em 26 de fevereiro de 2021.

Aceito em 13 de julho de 2022.